

Linguagem & Ensino, Vol. 2, No. 1, 1999 (123-137)

Saussure, Chomsky, Pêcheux: a metáfora geométrica do *dentro/fora* da língua

Maria Cristina Leandro Ferreira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

ABSTRACT: The article describes how different theoreticians from different linguistic theories tend to describe language in terms of opposition between two perspectives. Starting from the assumption that language can be studied from different points of view, the author shows how theories of language and discourse use different terminology to decide what should be put inside and outside as concerns language studies.

RESUMO: O trabalho descreve como diferentes teóricos de diferentes teorias do estudo da linguagem tendem a descrever a língua em termos de centros opostos de interesse. Começando pela premissa de que a língua pode ser estudada de diferentes pontos de vista, a autora mostra como as teorias da linguagem e do discurso usam diferentes terminologias para decidir o que deve ser central ou periférico no estudo da linguagem.

KEY WORDS: grammar, discourse analysis, theory.

PALAVRAS-CHAVE: gramática, análise do discurso, teoria.

SAUSSURE, CHOMSKY, PÊCHEUX

EXPLICANDO A INSÓLITA PARCERIA

Não estou muito certa de que essa parceria agrade a muita gente. Pelo menos, acredito, estou livre em parte da ira dos gerativistas ortodoxos, já que estou falando entre pares num Grupo de Trabalho (GT) de Análise do Discurso (AD)¹ e não vou ser cobrada por misturar a fundadores históricos da ciência da linguagem alguém que nem mesmo é lingüista. Por outro lado, corro o risco de ser criticada por alguns analistas de discurso de deixar Michel Pêcheux na companhia dessa “ala burguesa” da lingüística.

Pois eu insisto nessa articulação, não por pretender reinventar uma insuspeitada *tríplice aliança*, revivendo a existente entre Saussure, Marx e Freud, nos primórdios da AD, mas sim por perceber nas discussões sobre o objeto língua, levadas a cabo por esses autores, pontos cruciais que se entrelaçam, se confundem, ainda que acabem se distanciando por conjunturas provocadas por distintas escolhas teóricas.

No último encontro da Anpoll (1996), em João Pessoa, só para ilustrar essa trajetória, minha comunicação versou sobre o *estatuto de equívocidade da língua*², onde apresento alguns argumentos para descartar a tendência sistêmica da lingüística, a qual só permite o estudo da língua de modo interno, sem princípio de explicação exterior a ela. Na ocasião, sustentava que o conceito de língua, na perspectiva do discurso, não vai ser o mesmo que o do lingüista e a prova está na maneira como é tratada a questão do equívoco. Na visão do lingüista, a língua enquanto sistema só conhece sua ordem própria, o que vai impedir-lhe de considerar os deslizamentos, lapsos e mal-entendidos como parte integrante da atividade de linguagem.. Já o discursivista, como se sabe, acatando a

¹ Trabalho apresentado no XIII Encontro Nacional da ANPOLL, em Campinas, de 10 a 12 de junho de 1998.

² Cf. LEANDRO FERREIRA(1996)

MARIA CRISTINA LEANDRO FERREIRA

lição de Pêcheux, incorpora tais desvios “problemáticos”, como fatos estruturais incontornáveis e próprios à língua.

Hoje, pretendo ir um pouco além nessa discussão, partindo dessas mesmas premissas, mas ampliando seus desdobramentos, em cada um dos célebres nomes mencionados. Estarão em jogo, portanto, a partir de agora, as implicações decorrentes do que se pode chamar de *metáfora geométrica da língua* e que aparece sob distintas designações em autores aparentemente incompatíveis do ponto de vista teórico.

O DENTRO E FORA DA LÍNGUA: UMA INQUIETAÇÃO QUE VEM DE LONGE...

Como leitura marcante que me instigou a uma análise mais profunda e ampliada sobre o tema em tela (repercutindo, inclusive, na própria tese de doutorado)³, registro um artigo de Françoise Gadet, de 1978, denominado “*La Double Faille*”.

Neste texto me chamou atenção a coragem com que a autora critica tanto a concepção de língua de gerativistas, quanto de certos analistas de discurso. Dos gerativistas, Gadet condena a representação da língua por círculos concêntricos, partindo do *núcleo duro central*, passando pelas *margens ou bordas* e chegando ao *exterior*. Para os sintaticistas gerativistas os fatos relevantes e que interessa investigar concentram-se no interior do círculo. Já na periferia estariam os fatos com problemas e que resistem à descrição sintática; e fora do círculo entraríamos no domínio do extra-lingüístico, do discurso. Por sua vez, de certos discursivistas ela condena uma concepção de discurso como um prolongamento da língua, “*son au-delà*”, o que implicaria um critério ligado à extensão, e não à desterritorialização.

Destaco a pertinência da crítica de Gadet, quando adverte não ser possível analisar a sistematicidade lingüística como um *continuum de níveis*. Na perspectiva da teoria do discurso, língua e discurso não representam distintos círculos indo do [+interno], do [+próximo] para o [+externo], [+distante]. Em suma, o discurso não seria um “nível a mais”, a complementar a língua, visto que ambos não formam um par opositivo, e sim, apontaria para uma “mudança de terreno”.

³ Cf. LEANDRO FERREIRA (1994).

SAUSSURE, CHOMSKY, PÊCHEUX

Gadet, no artigo em análise, ainda que quisesse questionar efetivamente a falha do inconsciente e a falha da história (a dupla falha a que alude o título), nos dá elementos para refletir sobre a metáfora geométrica da língua, mesmo que para afastá-la.

A partir daí, partimos em busca de vestígios dessa abordagem em relação à língua em outros autores, pondo em cotejo essas posições com a perspectiva discursiva. E começamos pelo início, isto é, começamos por *Saussure*.

Pois Saussure, o mestre fundador da Ciência da Linguagem, ao defender suas teses, coloca-se na direção oposta à lingüística de sua época, preocupada sobretudo com a lingüística externa. Na última frase de seu Curso de Lingüística Geral (e não importa aqui a discussão sobre sua autoria: se pertencente aos editores ou ao próprio Saussure) consta o seguinte: a “*Lingüística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma.*” Esta afirmação saussuriana que aponta para uma abordagem estritamente interna deve, contudo, ser entendida não como um atestado de exclusividade e garantia de domínio, mas como uma tomada de posição epistemológica do mestre genebrino. Quem nos adverte sobre este fato e sobre muitos outros de grande relevância, é (de novo) Françoise Gadet (1987), no seu livro “*Saussure: Une Science de la Langue*”, obra indispensável nos rumos dessa reflexão.

Na mesma linha de coerência, a de recusar a exclusividade de enfoque, Saussure quando declara que “*é o ponto de vista que cria o objeto*”, abre espaço para outros pontos de vista sobre a linguagem, que não os lingüísticos, como o discursivo, por exemplo. Está aí um argumento para tentar atenuar, em parte, a insólita parceria referida lá no início, unindo Saussure e Pêcheux.

Ao definir o conceito de língua, Saussure vai operar com um certo número de filtros que vão distinguir os **elementos internos** e os **externos**. A definição saussuriana de língua afasta tudo o que for estranho a seu organismo, a seu sistema, eliminando, assim, todas as causas e determinações exteriores que podem afetá-la. Exemplo: fatos de etnologia, de história política, de história das instituições, fatos geográficos, todos fatores que “*não dizem respeito ao organismo interior do idioma*”. Saussure ilustra ainda essa distinção com o célebre exemplo do jogo de xadrez: elementos externos seriam a origem do jogo, a matéria ou a forma das peças; e internos, aqueles elementos relacionados com as regras mesmas do jogo, enfim, seu ordenamento.

MARIA CRISTINA LEANDRO FERREIRA

Os filtros referidos que distinguem o que está **dentro/fora** da língua sinalizam as duas noções saussurianas presentes no conceito de língua: enquanto *sistema de signos* (nível interno) e enquanto *instituição social* (nível externo). Gadet, na obra já referida, chama atenção para uma certa heterogeneidade nessas duas redes de definição: a primeira, *semiológica*; a segunda, *sociológica*. Conforme ela esclarece:

Com o sociológico, Saussure se situa sobre um terreno que ele partilha com grande parte dos lingüistas de sua época, enquanto que com o semiológico avança uma proposição original, verdadeiro ato de nascimento da lingüística moderna. O semiológico permite a emergência do estudo abstrato da língua...(Ibid.:78).

Gadet nos lembra outro traço da teoria de Saussure que encontra certa ressonância com a teoria do discurso e que tem a ver com o modo como se dá a relação do sujeito com a língua. Ao encarar a língua como sistema, Saussure produz um efeito de desconstrução do sujeito psicológico, livre e consciente que reinava na reflexão das ciências humanas nascentes, ao fim do século 19. Com isto ganha destaque a tese de que o homem não é senhor da língua, muito cara à AD.

Milner(1987), a esse respeito, destila amargas considerações a propósito da lingüística e dessa ferida narcísica já antecipada, como se viu, pela teoria saussuriana. Diz ele: “A lingüística, hoje, interessa muito pouco e, mesmo, entedia (...) além do mais, incomoda, sem que isso deva, aliás, surpreender”(p.77). O ponto nodal seria o fato de que as pessoas não suportariam reconhecer que em relação à língua não são nem mestres, nem responsáveis. E segue Milner, em seu estilo contundente: “Desfazer o homem no ponto onde ele se constitui, ferir a pessoa onde ela se conforta, é, pois, a ofensa máxima...”(p.78). Os desdobramentos que Milner dá a esse caso são importantes e passam pela aproximação da psicanálise e pela reelaboração do conceito de real da língua(*la langue*), buscado em Lacan. O real seria precisamente o lugar do vazio, da emergência do outro, da possibilidade de trabalhar a língua em sua incompletude, admitindo os “furos” da estrutura. A concepção de sujeito decorrente vai implicar uma noção de sujeito descentrado, determinado pelo inconsciente e inscrito nessa própria estrutura. Não vamos, contudo, nos deter nisso agora, pois é outra nossa busca.

Pêcheux, pelo que se sabe, foi um atento leitor de Saussure e disso dá comprovação suficiente sua obra. “Uma leitura informada, inteligente

SAUSSURE, CHOMSKY, PÊCHEUX

e pessoal, que faz realmente operar as noções saussurianas”, nos informam seus colegas de então (Gadet & Hak, 1990, p.41). É bem conhecido dos analistas de discurso o deslocamento operado na passagem do conceito saussuriano de função para funcionamento das línguas, ultrapassando, assim, os limites estritos do lingüístico e permitindo a descrição da materialidade específica da língua. Além disso, para a concepção discursiva de língua, a noção de sistema foi decisiva, ao contribuir para desvincular a reflexão sobre a linguagem das evidências empíricas e afastá-la da influência dominadora do sujeito psicológico.

A AD, ao construir seus objetos discursivos, deveria sempre, de acordo com Pêcheux, trabalhá-los sob uma tríplice tensão, entre (1) a historicidade, (2) a interdiscursividade e (3) (de novo Saussure) a sistematicidade da língua. Além disso, para propor a contradição existente no par Língua/Discurso, tornou-se necessário pressupor, com as devidas mudanças teóricas de terreno, o consagrado corte saussuriano entre Língua/Fala.

No artigo intitulado “L’étrange miroir de l’Analyse de Discours”, Pêcheux (1981) adverte de modo enfático para o risco dos analistas de discurso, circunscritos entre o real da língua e o real da história, caírem na pior das complacências narcísicas, tornando-se surdos em relação à língua e cegos em relação à história. (p.8).

Pêcheux não parecia estar exagerando ao alertar para tal perigo, a se considerar as críticas e o desabafo feitos por Courtine (1991), após a morte do mestre, enumerando a série de reduções a que vem sendo submetida, segundo ele, a AD pós-Pêcheux, sobretudo na França. Refiro-me ao texto “Le Discours Introuvable: marxisme et linguistique (1965-1985)”.

O DENTRO/FORA DA LÍNGUA NA ÓTICA CHOMSKIANA

Pêcheux, assim como era leitor atento de Saussure, também acompanhava com entusiasmo as aventuras gerativas de Chomsky. No livro organizado por Gadet & Hak (1990, p.42-3), há a indicação de que a “revolução chomskiana” mais instiga Pêcheux a pensar que fornece soluções, ainda que dela tenha tomado emprestado, de maneira metafórica,

MARIA CRISTINA LEANDRO FERREIRA

a oposição chomskiana entre estrutura profunda/ estrutura de superfície. A Gramática Gerativa Transformacional (GGT) representou, assim, para o modelo da Análise Automática do Discurso (AAD-69), segundo esses autores, a designação de um “horizonte teórico estimulante”.

Uma primeira aproximação a ser feita quanto à questão do **dentro/fora da língua** na ótica chomskiana tem a ver com o que ele chama de **gramatical/agramatical**. Assim como Saussure fala de *filtros internos e externos* operando na língua, Chomsky vai mencionar formações de língua bem estruturadas (**gramaticais**) e formações de língua mal formadas que rompem com a estrutura (**agramaticais**). Evidentemente a noção mais importante para Chomsky é a de gramaticalidade, a qual tem a ver com as regras de estruturação da língua. Estariam, assim, **dentro da língua**, aquelas sentenças formadas (ou geradas) pelas regras da gramática da língua. A agramaticalidade seria, por sua vez, o fenômeno inverso do gramatical, indicando as seqüências (**fora da língua**) que não fazem parte da estrutura aceita e legitimada pelas regras de determinada língua natural.

Por se tratar de um fenômeno resultante de uma construção teórica do lingüista, a gramaticalidade, ao testar determinada formação, só irá apontar para uma alternativa: ou a estrutura **é** gramatical (e está dentro, conseqüentemente) ou **não é** (e fica de fora). Nessa metáfora geométrica só há espaço para dois círculos concêntricos: o núcleo e a periferia, espaços esses devidamente demarcados. Os julgamentos de gramaticalidade constituem o único controle empírico de que o lingüista dispõe para validar o modelo de regras que ele postula

A técnica do asterisco empregada pela gramática gerativa consiste em sinalizar precisamente aquelas inscrições feitas à margem da língua, no que elas supõem de negativo. Tem, pois, uma função opositiva, demarcando as formas possíveis das formas impossíveis. Esse enfoque da constituição da língua como rede de julgamentos trazido à lingüística pela gramática gerativa representa uma contribuição decisiva para a análise dos modos de organização da língua.

Gadet & Pêcheux (1981), em “La Langue Introuvable”, reconhecem o mérito histórico da Gramática Gerativa Transformacional em ter designado o lugar onde, na língua, o gramatical não cessa de negociar com o não-gramatical. A diferença fundamental para esses autores é que a existência do impossível, do proibido, do não-gramatical está inscrita na ordem própria da língua. Ou seja, toda língua contém uma partição

SAUSSURE, CHOMSKY, PÊCHEUX

que se sustenta pela existência dessa possibilidade disjuntiva. Desse modo, seguindo a ótica discursiva, falar da língua é falar da falta, é admitir que o todo da língua não pode ser dito em nenhuma língua. Sempre faltarão palavras para expressar algo, já que existe o impossível a dizer.

Recentemente, na Revista D.E.L.T.A. (vol.13,1997), saiu um número especial, contendo as conferências proferidas por Chomsky em sua visita ao Brasil. Trata-se de uma sensível e merecida homenagem a um dos mais destacados e controvertidos lingüistas desse século, cujas reflexões encontram ressonância em várias áreas de conhecimento das ciências humanas.

Pois em uma dessas palestras, ao responder por que a semântica está na interface, e não dentro da gramática, Chomsky traz à tona a questão que estamos a investigar. Pergunta ele, a certa altura:

“Bem: o que está dentro da língua e o que está fora? Bem, uma expressão típica com articulação, isto é o que está dentro da língua.(...) se eu digo ‘livro’, o léxico contém esses traços que no nível do pensamento, no nível da interface serão compreendidos. E a interface compreenderá não somente os traços, mas o modo em que estão organizados.(Ibidem, p.83)

Quanto às propriedades pragmáticas, elas podem ou não, segundo Chomsky, estar codificadas no sistema interno. Em algumas línguas isso seria em parte verdadeiro, como é o caso do japonês, onde é altamente formalizado o modo de se dirigir às pessoas .

Você fala com uma criança de uma maneira e com o reitor da universidade de outra (...) há pequenas partículas, do tipo das flexões, chamadas honoríficos, e você os coloca em certos lugares, dependendo da sua relação com a pessoa com quem está falando (p.85).

Chomsky considera, de certa forma, que a pragmática tem a ver com a maneira como o sistema lingüístico é utilizado. Assim sendo, ela seria “*uma parte da mente que sabe como usar coisas que têm determinado som, sentido e forma* (p.84). Mesmo que tenha relação com arranjos sociais complicados, alguma coisa estaria codificada dentro da língua. Mas estas coisas “*você tem que descobrir, não pode fazer pronunciamentos a respeito*” (p.85), adverte-nos o autor .

MARIA CRISTINA LEANDRO FERREIRA

Para o modelo chomskiano, o conceito teoricamente relevante de início não foi o de língua, e sim, o conceito de gramática. **Gramática** seria o estado estável da faculdade de linguagem representada na mente/cérebro; **língua**, o conjunto finito de sentenças que essa Gramática pode gerar. Conhecer uma língua seria ter na mente a representação dessa língua.

Mais tarde, Chomsky (1986) introduziu o termo **L-I** (língua internalizada) como objeto preferencial, mudando o foco de investigação da língua, do estudo do comportamento e seus produtos (L-E) (externalizada), para o estudo dos estados da mente/cérebro que entram nesse comportamento. A teoria da L-I seria chamada de Gramática Universal.

Pelo que se constata dessa breve análise da teoria gerativa chomskiana, a “revolução cognitiva” do final dos anos 50 pressupõe uma homogeneidade que é alcançada através da abstração de fatores não-estruturais, aqueles que atuam em situação real de uso. Daí a importância da escolha da Língua-I como conceito preponderante, diluindo assim o falso dilema do que está dentro e o que está fora da língua, na ótica chomskiana.

O POSSÍVEL/IMPOSSÍVEL DA LÍNGUA NA ÓTICA MILNERIANA

Jean-Claude Milner(1989), em sua alentada obra de introdução a uma ciência da linguagem, também nos traz argumentos para o tema desse debate. O pressuposto básico implicado na ótica milneriana retoma o princípio de que, em matéria de língua, tudo não se pode dizer, situando-se na zona de disjunção entre o *possível e o impossível da língua*. Não cabe aqui discutir em detalhes o sistema de (im)possibilidade proposto por Milner (isto procurei fazer em minha tese). Quero apenas referir a hipótese gramatical mínima em que ele se apóia e que se desdobra em duas alternativas, a saber:

1. Uma língua distingue entre formas possíveis e formas impossíveis.
2. possível da língua e o possível material são disjuntos.

A disjunção entre os dois sistemas é essencial à atividade gramatical, cuja originalidade só se manifesta nos casos em que os dois possí-

SAUSSURE, CHOMSKY, PÊCHEUX

veis não coincidem. A atividade básica vai consistir em emitir sobre os dados de língua um “juízo diferencial” que resulta da articulação e combinação de três tipos de juízo encadeados: (1) o de atribuição do diferencial gramatical, (2) o de segmentação e (3) o categorial.

Segundo Milner, todo o processo gramatical será desencadeado com base nas seguintes constatações:

1. todo sujeito é capaz de julgar os dados de língua e de fazê-lo diferentemente;
2. no seio de uma comunidade de falantes é possível encontrar um sujeito que julgue impossível o uso de uma dada forma, e outro que a julgue possível;
3. o uso por um sujeito de uma forma julgada impossível na língua é sempre materialmente possível; nada (físico nem moral) impede alguém de proferir um determinado enunciado como bem lhe aprouver (não há o interdito).

É interessante destacar dessa formulação milneriana o caráter material que aparece entre as modalidades do possível. Isto acarreta que nem todo possível/impossível de língua seja um possível/impossível material, já que se trata de dois sistemas distintos. Tal distinção entre *a forma material* e *a forma abstrata* vai ser importante para a AD, como nos mostra Orlandi(1996), ao trabalhar a conveniência e os fundamentos desse par no funcionamento dos procedimentos analíticos.

O mais importante, porém, é que ao deslocar o foco do que está **dentro/fora** para o **possível/impossível**, Milner desfaz o maniqueísmo vigente na lingüística da época, centrado em torno do tão decantado debate metodológico entre empirismo e racionalismo. E a chave para essa substituição é a entrada em cena do conceito de **real da língua**, que rompe com a tese da existência de um núcleo fixo universal da linguagem humana.

Ao admitir-se que o real da língua *é o impossível que lhe é próprio*, aceita-se que existe ao menos um lugar na língua de onde se fala do que não se pode falar. O real da língua não estaria, assim, costurado às bordas da língua, mas atravessado por fissuras, que segundo Gadet(1978) o desestratificam, sem apagá-lo.

Ao invés, portanto, de discutir-se o **interno vs. externo**, analise-se, pela ótica milneriana, **o todo e o não-todo da língua** que lhe é cons-

MARIA CRISTINA LEANDRO FERREIRA

titutivo. E isto faz uma grande diferença na concepção de língua com que a lingüística até então admite trabalhar. A própria formulação presente no **dentro/fora** mostra bem como se opera com categorias excludentes para abrigar o que não pode ser formalizado, decodificado pelo sistema lingüístico.

A PROPOSTA DE MAINGUENEAU CONTRA A METÁFORA GEOMÉTRICA

Maingueneau discute essa questão do objeto e das fronteiras do campo lingüístico e do campo discursivo em dois textos que selecionamos para análise: (1) o capítulo inicial (*L'Archive*), de seu livro "L'Analyse du discours; introduction aux lectures de l'archive", de 1991, e (2) um artigo publicado na revista Delta, em 1990, "L'unité de la linguistique".

No primeiro, Maingueneau retoma a oposição presente na lingüística entre **núcleo** e **periferia**. No núcleo duro se daria o estudo da língua propriamente dita, considerada como uma rede de propriedades integradas num modelo formalizado; na periferia entrariam as posições sociais ou históricas dos sujeitos inscritos nas estratégias de interlocução. Ao contrário do núcleo, cujos limites são fixos e estáveis, a periferia tem contornos instáveis, em contato com disciplinas vizinhas (como sociologia, história, psicologia). "*Quando se fala de discurso é para designar esse último modo de apreensão da linguagem...*"(p.16).

O autor levanta duas possibilidades de leitura para as duas zonas da lingüística descritas acima: (i) como uma hierarquia entre o que pertence de pleno direito à lingüística (o estudo da 'língua') e o que fica à margem da cientificidade séria, rigorosa (o estudo do 'discurso') ou (ii) como uma divisão irreduzível no próprio interior da lingüística. Neste último caso, de acordo com Maingueneau (1991,p.16), o mais apropriado seria falar em "abordagens da linguagem" (ao invés de "zonas da lingüística"), uma em termos de *língua* e outra em termos de *discurso*.

No segundo texto, Maingueneau (1990) deixa claro que não pode haver duas lingüísticas lado a lado se encarregando de determinados fenômenos da linguagem. Trata-se, na verdade, de um campo lingüístico *radicalmente heterogêneo* que se organiza a partir de uma falha original entre *língua* e *discurso*. "*Falar de interior e exterior da língua consitui*

SAUSSURE, CHOMSKY, PÊCHEUX

uma defesa ilusória(...) é a lingüística que se desdobra para analisar os 'mesmos' fenômenos (p.129). Portanto, não seriam duas regiões complementares (uma interna e outra externa), mas duas linhas que se confundem e se imbricam no interior mesmo dessa disciplina.

A já mencionada representação da língua opondo *centro* a uma *periferia* (como se viu em Saussure, Gadet e Chomsky), a qual Maingueneau rejeita, é por natureza ambígua, podendo designar: (1) uma hierarquia sobre um eixo qualitativamente unívoco; (2) uma complementaridade funcional ou (3) uma oposição entre um centro dominante e regiões dominadas. Nenhuma dessas interpretações, porém, se sustentaria, uma vez que estão apoiadas em um falso princípio - o da distinção entre interior/exterior da língua.

Para contrapor-se a essa metáfora geométrica, Maingueneau apresenta, então, uma saída terminológica nova, ao distinguir, no interior da pesquisa lingüística, duas modalidades de abordagem : a **abordagem A**, levando em conta um *plano gramatical*, e a **abordagem A'**, levando em conta um *plano hipergramatical*. Maingueneau esclarece que o termo "hiper", ao contrário do que possa parecer, não significa uma lingüística mais rica, mas sim um tipo de abordagem lingüística que é sensível aos pontos de ancoragem colocados "au-delà" de uma causalidade estrita.

Apesar de partir de um pressuposto correto, em nosso entender, pondo em causa a inadequada e falaciosa perspectiva de uma divisão espacial no seio da lingüística, Maingueneau se perde, no entanto, ao propor uma distinção terminológica, que é redutora em sua essência. Tentar enquadrar a contradição teórica e epistemológica materializada nos conceitos de língua e discurso, em planos de natureza *gramatical* e *hipergramatical*, é, no mínimo, uma tentativa inócua. Quanto mais não seja pela própria infelicidade do termo "gramática", objeto de tantas leituras ambíguas e divergentes, dependendo do aporte teórico que se tenha em vista.

Na fundamentação apresentada pelo autor, o Plano Gramatical (abordagem A) se ocupa de manter a autonomia do território lingüístico, traçando fronteiras com os campos limítrofes, ao passo que o Plano Hipergramatical (abordagem A') condena essa autonomia absoluta da língua, julgada ilusória e nociva, e mantém relações de vizinhança tensas e instáveis com as disciplinas vizinhas. Se o domínio de investigação do Plano A é restrito, o do Plano A' é virtualmente ilimitado. Se no Plano A

MARIA CRISTINA LEANDRO FERREIRA

as crises manifestam-se, em geral, sobre uma reestruturação de modelos, no Plano A' há sempre o recurso de constituir uma nova disciplina.

Em qualquer hipótese, a condição do lingüista, na análise de Maingueneau, é sempre difícil de viver. Quer ele se inscreva em uma, ou outra abordagem, “*ele deve resignar-se a dividir a lingüística com um outro, que não é nem um igual, nem um estranho, nem mesmo um verdadeiro concorrente*” (Maingueneau, 1990:137). Que triste sina!

DE SAUSSURE A PÊCHEUX: REAVALIANDO A METÁFORA...

Para nós, analistas de discurso, este quadro traçado por Maingueneau não apresenta novidade. Pêcheux se referiu a isso em diversos textos (Pêcheux, 1982, 1984, 1990), sem necessitar, contudo, reduzir o debate epistemológico à questão “gramatical”. Pêcheux fala em “universos discursivos estabilizados logicamente”, compreendendo o domínio das ciências da natureza, das tecnologias, e “universos discursivos não-estabilizados logicamente”, que põem em relevo os domínios filosóficos, sócio-históricos, políticos ou estéticos.

O objeto da lingüística (o próprio da língua) aparece assim atravessado por uma divisão discursiva entre dois espaços: o da manipulação de significações estabilizadas, normatizadas por uma higiene pedagógica do pensamento, e o de transformações do sentido, escapando a qualquer norma estabelecida a priori, de um trabalho do sentido sobre o sentido, tomados no relançar indefinido das interpretações. (Pêcheux, 1990:51)

O campo da AD vai se determinar predominantemente pelos espaços discursivos do segundo grupo, mas buscando também construir as interpretações lá onde os dois espaços se interpenetram e onde surge a possibilidade de trabalhar com as ambigüidades e com o equívoco, enquanto fatos estruturalmente constitutivos. Esta é, como diz Pêcheux (ibidem:51), *a necessidade de trabalhar no ponto em que cessa a consistência da representação lógica inscrita no espaço dos ‘mundos normais’*.

Nessa caminhada investigativa, à luz de uma metáfora geométrica que embasa uma concepção de língua pensada como uma hierarquia indevida entre duas facções, encontramos os seguintes pares conceituais, formulados por autores de distintas tendências teóricas :

SAUSSURE, CHOMSKY, PÊCHEUX

- dentro e fora (da língua)
- elementos internos e externos (da língua)
- centro e periferia (da língua)
- núcleo e bordas (da língua)
- gramatical e agramatical
- possível e impossível (da língua)
- todo e não-todo (da língua)
- plano gramatical e plano hipergramatical
- língua e discurso
- universos discursivos estáveis e universos não-estáveis

A escolha terminológica por si só já sinaliza o ambiente teórico em que tais expressões foram forjadas. Discordemos ou não, esta partição a que a língua tem sido submetida é muito forte e constante, e certamente tem motivações de variadas ordens (históricas, filosóficas e ideológicas). O que se procurou foi constatar tal preocupação em autores importantes no avanço do pensamento lingüístico, buscando com certas intervenções pontuar o debate, a partir da ótica discursiva. Com isso, paulatinamente se foi colocando em questão a própria existência dessa metáfora geométrica e a conveniência de reavaliá-la.

Deixamos, ao final, algumas indagações que talvez interessem a mais alguém.

Se admitimos que a língua não é tudo, ela poderá abarcar o não-tudo?

Ou será que uma concepção de língua que inclua a seu núcleo, as margens torna-se por demais poderosa e, portanto, pouco recomendável?

Ou então, precisamos construir uma nova lingüística que não marginalize os que se ocupam de fatos cuja descrição não seja lá tão confiável?

Ou nada disso faz sentido e vamos sempre ter que lutar para estabelecer a cada etapa de uma análise a legitimidade de nosso objeto e a credibilidade de nossas fronteiras?

Afinal de contas, Guimarães Rosa já avisara em *Tutaméia: pela língua começa a confusão...*

BIBLIOGRAFIA

CHOMSKY, N. (1986). *Knowledge of language*. New York, Praeger.

MARIA CRISTINA LEANDRO FERREIRA

- CHOMSKY, N. (1997). Chomsky no Brasil. D. E. L. T. A. (São Paulo), v. 13, n. esp.
- COURTINE, J. J. (1991). Le Discours Introuvable: marxisme et linguistique. In Histoire, Epistémologie. *Langage*. 13/II, p. 153-71.
- GADET, F. (1978). *La Double Faille*. Actes du Colloque de Sociolinguistique de Rouen.
- GADET, F. (1987). *Saussure: une science de la langue*. Paris, Presses Universitaires de France.
- GADET, F. & PÊCHEUX, M. (1981). *La langue introuvable*. Paris, Maspero.
- GADET & HAK, orgs. (1990). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas, Ed. da Unicamp.
- LEANDRO FERREIRA, M. C. (1994). *A resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso: da ambigüidade ao equívoco*: Tese de Doutorado. Unicamp. (inérita)
- LEANDRO FERREIRA, M. C. (1996). O estatuto de equivocidade da língua. Estudos de linguagem. CPG Letras/UFRGS. Col. Ensaios, 10. p. 39-50.
- MAINGUENEAU, D. (1990). L'unité de la linguistique (A unidade da lingüística). D. E. L. T. A. . v. 6, n. 2. p. 127-37.
- MAINGUENEAU, D. (1991). *L'Analyse du discours; introduction aux lectures de l'archive*. Paris, Hachette.
- MILNER, J. C. (1987) *O Amor da Língua*. Trad. brasileira. Porto Alegre, Artes Médicas.
- MILNER, J. C. (1989). *Introduction à une science du langage*. Paris, Éd. du Seuil.
- ORLANDI, E. (1996). *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, Vozes.
- PÊCHEUX, M. (1981). L'étrange miroir de l'analyse de discours. *Langages*, 62:5-8.
- PÊCHEUX, M. (1982). Sur la (dé-)construction des théories linguistiques. DRLAV, 27.
- PÊCHEUX, M. (1984). Sur les contextes épistémologiques de l'analyse de discours. *Mots*, 9 :9-17.
- PÊCHEUX, M. (1990). *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. bras. Campinas, Pontes.
- SAUSSURE, F. (1974). *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo, Cultrix

